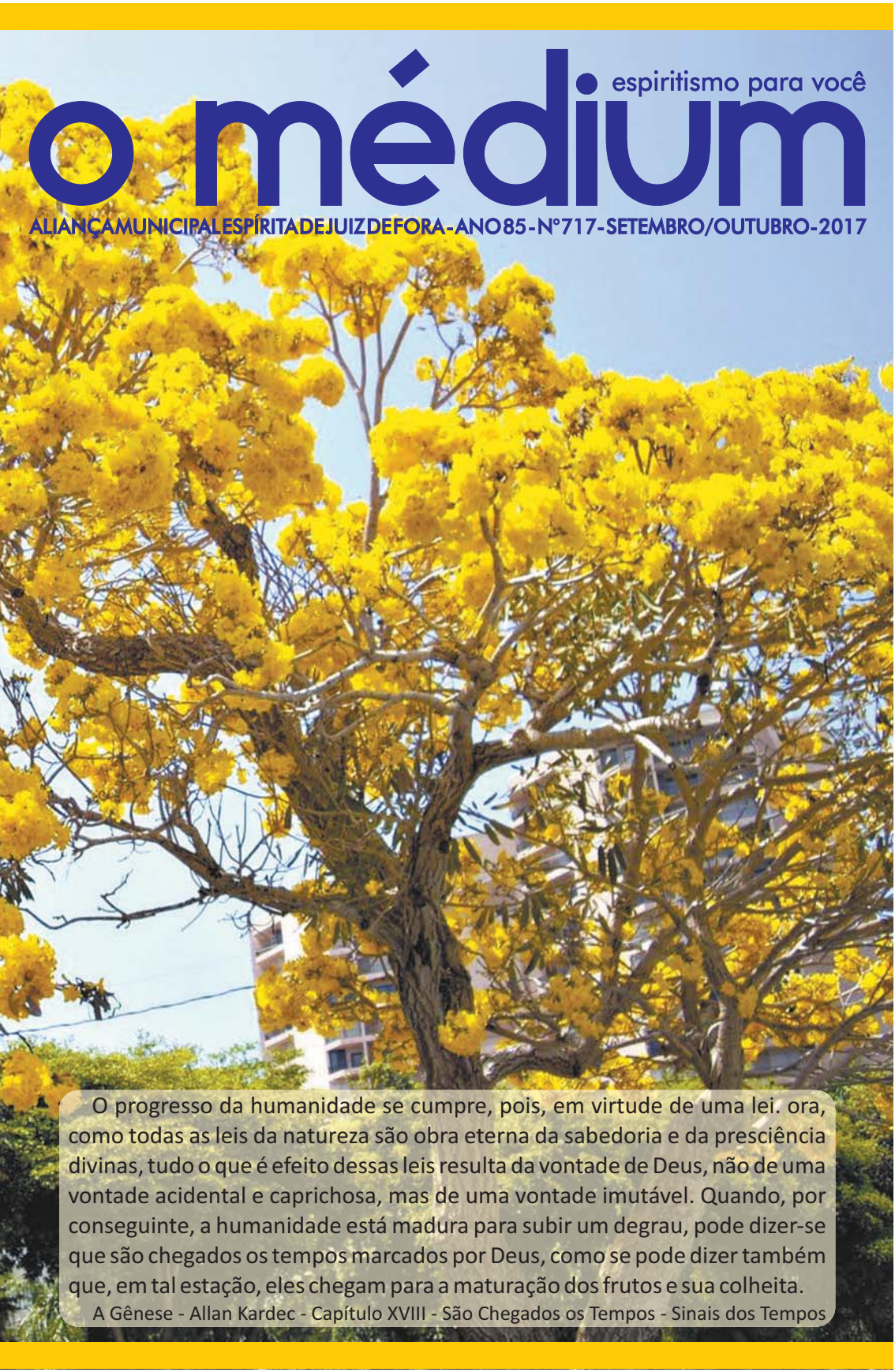


o médium



espiritismo para você

ALIANÇA MUNICIPAL ESPÍRITA DE JUIZ DE FORA - ANO 85 - Nº 717 - SETEMBRO/OUTUBRO-2017

O progresso da humanidade se cumpre, pois, em virtude de uma lei. ora, como todas as leis da natureza são obra eterna da sabedoria e da presciência divinas, tudo o que é efeito dessas leis resulta da vontade de Deus, não de uma vontade acidental e caprichosa, mas de uma vontade imutável. Quando, por conseguinte, a humanidade está madura para subir um degrau, pode dizer-se que são chegados os tempos marcados por Deus, como se pode dizer também que, em tal estação, eles chegam para a maturação dos frutos e sua colheita.

A Gênese - Allan Kardec - Capítulo XVIII - São Chegados os Tempos - Sinais dos Tempos



Centro Espírita Fé e Caridade

Reuniões Públicas

Segunda-feira - 19h30min
Terça-feira - 15h e às 19h30min
Quarta-feira - 19h30min
Sexta-feira - 19h30min
Domingo - 19h30min

www.cefeecaridade.org.br

Rua Paraná, 119, Poço Rico

Juiz de Fora - MG - 36026-390 - (32)3215-7447



Casa Espírita
Armã Scheilla

Evangelização

Quinta - feira 20:0 horas
Sexta - feira 15:00 horas
Sábado 15:00 horas

Reuniões Públicas

Quinta - feira 20:00 horas
Sexta - feira 15:00 horas

Grupos de Estudos

Terça - feira 20:00 horas - Grupo Estudos Mediunidade
Sábado - 17:00 horas - Grupo Estudos Paulo de Tarso

Conheça o Clube do Livro Réstia de Luz

Rua Torreões, 97 Santa Luzia Juiz de fora - MG
casaespiritairmascheilla@gmail.com

Casa Espírita

Reuniões Públicas

Segunda-feira - 20h
Quarta-feira - 20h
Quinta-feira - 14h30min
Sexta-feira - 20h
Sábado - 19h

Rua Sampaio, 425, Centro
Juiz de Fora - MG - 36010-359 -
(32)3217-8786

Palestras Públicas

Segundas às 20 horas
Quintas às 14:30 horas
Sábados às 9 horas

Diálogo Fraterno

Segundas às 18 horas
Sábados às 10:30 horas

R. Henrique Burnier, 314 - Mariano Procópio | Juiz de Fora - MG
(32) 3212-5880 - ceapi@gmail.com

Centro Espírita
Amor ao Próximo

Centro Espírita União, Humildade e Caridade

Primeiro Centro Espírita de Juiz de Fora - Fundado em 1901

Reuniões Públicas
Segunda-feira - 15h
Terça-feira - 20h

Rua Doutor Villaça, 206, Poço Rico
Juiz de Fora - MG - 36020-030
(32)3212-4459 - ceuhc1901@yahoo.com.br

Grupo Espírita "Seareiros de Cristo"

Reuniões Públicas: Domingo às 9 horas
Quarta-feira: às 20 horas

Rua João Krolman Sobrinho, 120
São Pedro (próximo a Tusmil)

CEP - 36037-500 - Juiz de Fora - MG
Telefone: (32) 3234-5682



Reuniões Públicas

Terça-feira - 15h
Quarta-feira - 20h
Quinta-feira - 17h30min
Sábado - 19h
Domingo - 10h

Rua Dom Silvério, 123, Alto dos Passos
Juiz de Fora - MG - 36026-450
(32)3213-1698

Instituto Jesus

Fundado em 19.03.1944

Obra Espírita de Amparo à Criança e ao Adolescente
Há quase um século desenvolvendo atividades
assistenciais voltadas para crianças (5 a 12 anos)
e adolescentes (Aprendizes).

Reuniões de Estudos Doutrinários

Quinta-feira - 20 horas

Rua Inácio Gama, 813 - B. Lourdes
Juiz de Fora - MG - 36070-420 - (32) 3235-2038

SUMÁRIO

9 DE OUTUBRO DE 1861 UM CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA.....	4
<i>Henderson Marques Lopes</i>	
FIDELIDADE DOCTRINÁRIA.....	8
<i>Daniel Salomão Silva</i>	
DESPERTAR PARA A VIDA.....	11
<i>Allan Gouvêa</i>	
ENTRE O CÉU E A TERRA.....	14
<i>Roberto Lota</i>	
O ESPÍRITO E A SELEÇÃO DOS GENES.....	16
<i>Ricardo Baesso de Oliveira</i>	
O EVANGELHO DE JESUS EM NOSSAS VIDAS.....	18
<i>Ivana Raisy</i>	
ESPITIRINHA	19
<i>Wilton Pontes</i>	
TENTAÇÃO	20
<i>Gabriel Garcia</i>	
“AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO”: ampliando interpretações a partir do conceito de “sombra” de Carl Gustav Jung.....	22
<i>Kamilla Marina de Almeida Telles</i>	
UMA FORMIDÁVEL MÉDIUM MUSICAL.....	24
<i>Érico Bomfim</i>	
ANIVERSÁRIOS EM NÚMEROS REDONDOS	26
<i>Henderson Marques Lopes</i>	
VOCÊ SABIA?	26

EXPEDIENTE



o médium

● espiritismo para você

Fundada por Jesus de Oliveira em 30/07/1932

Diretora:

Denise Ribas Ribeiro

Jornalista Responsável:

Allan Gouvêa - Reg. MTE 18903/MG

Departamento responsável: DCSE

Diretor DCSE: Jovino Jorge Rodrigues Quintella

Conselho Editorial:

Allan Gouvêa

Denise Ribas Ribeiro

Emanoel de Castro Felício

Henderson Marques Lopes

Lavinia Leitão Bandeira

Diagramação: Márcio JM Oliveira

Tiragem: 1.000 exemplares

* Os artigos não publicados não serão devolvidos.

EDITORIAL

A parábola do Filho Pródigo é das maiores representantes do caráter consolador da mensagem de Jesus e, conseqüentemente, da mensagem espírita.

Como o filho que pede e recebe a herança de seu pai, somos nós os depositários da infinita Herança Divina, nos mais diversos aspectos da nossa existência. Livres para nos utilizarmos desta dádiva, somos, porém, convidados a aproveitá-la ao nosso favor e ao do próximo. Seja direcionando nossa capacidade intelectual à instrução, nossa saúde física aos trabalhos nobres, nossas conquistas do sentimento ao esclarecimento, nossos recursos financeiros às boas obras ou, enfim, nosso tempo àquele que precise de um sorriso ou apenas de nossa presença.

Se, todavia, diante de tamanhas bênçãos recebidas, escolhemos, por ignorância, mal aplicá-las, somos alertados pela perfeita Justiça Divina. A dor, amiga daqueles que buscam a verdadeira felicidade, é o alarme que indica necessidade de retorno ao Pai. Informa-nos o Mestre que, se decidimos e lutamos pela correção de nossos equívocos, temos os braços abertos de Deus para o recomeço.

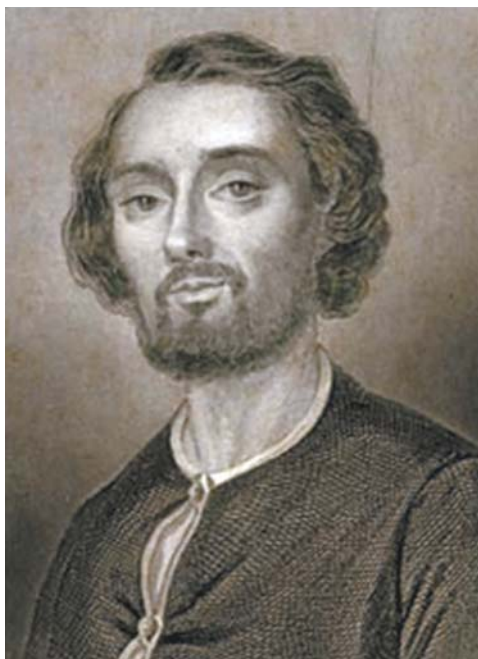
A Doutrina Espírita, como Consolador Prometido por Jesus, relembra-nos o caminho de volta, poupa-nos das decisões menos felizes, assegura-nos de que há um nobre sentido em tudo o que enfrentamos.

Henderson Marques Lopes

9 DE OUTUBRO DE 1861

UM CASO DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

No momento em que estamos escrevendo estas linhas, vêm-nos à mente os recentes e lamentáveis distúrbios raciais ocorridos na cidade americana de Charlottesville (Estado da Virgínia). Neles, integrantes de marcha antirracista foram atacados por um grupo de agitadores raciais, os quais proporcionaram cenas de intolerância explícita, choque que resultou em morte e dezenas de feridos. Também recentemente, em Barcelona, no dia 17 de agosto, ocorreu um ataque terrorista, de cunho político/religioso, em que desencarnaram várias pessoas e ficaram feridas mais de uma centena, especialmente turistas em visita à capital da Catalunha (costa nordeste da Península Ibérica). Casos como estes, infelizmente, ocorrem em vários pontos do Planeta.



QUE É INTOLERÂNCIA? – É a ausência de respeito (consideração) ao direito que os indivíduos têm de agir, pensar e sentir de maneira diferente do nosso. Assim, a pessoa *intolerante* não admite ou não respeita opiniões contrárias à sua. Em outras palavras, o intolerante não aceita ou não suporta as opiniões ou atitudes alheias que o desagradam. Por isso, geralmente apela para a agressão – física, psicológica ou verbal – contra as pessoas que divergem de suas ideias, crenças ou opiniões.

Na outra ponta está o *tolerante*: é a pessoa que desculpa, age com indulgência (disposição para perdoar, para entender o outro), ouve e respeita ideias e opiniões que divergem das suas. Vê-se, portanto, que *tolerantes* e *intolerantes* habitam, cada qual, *mundos mentais* diferentes, diametralmente opostos um do outro.

Na atual quadra da Humanidade, surgem, relativamente ao preconceito racial, os modernamente chamados supremacistas raciais, ou “terroristas brancos”, ou “nacionalistas brancos” e outras denominações que empunham a bandeira de ódio da intolerância. Entretanto, esta, por outro lado, ao longo da História se apresentou – e ainda se apresenta – de formas variadas: religiosa, racial, econômica, cultural etc., ou seja, a denominação varia num largo espectro.

Mas, lamentavelmente, não é somente a História contemporânea que põe à mostra traços de intolerância. Se voltarmos os olhos para o passado, vamos encontrar, ao longo da linha da História, diversos momentos de intolerância, especialmente no terreno religioso. É só nos recordarmos da Inquisição, responsável, durante séculos, por momentos de ódio, perseguição e morte de milhares de pessoas.

INQUISIÇÃO – Foi um tribunal eclesiástico instituído pela Igreja Católica no começo do século XIII, com o objetivo de investigar e julgar, de maneira metódica, rigorosa e sumária, pretensos hereges e feiticeiros, acusados de crimes contra a fé católica. Na Espanha, o denominado Tribunal do Santo Ofício foi instituído em 1478 pelos reis católicos Fernando e Isabel para salvaguardar a unidade da fé católica, em geral contra os judeus e os mouros, os quais eram forçados, sob pena de expulsão, confisco de bens ou morte, à conversão ao Catolicismo.

AUTO DE FÉ – Era a cerimônia em que se proclamavam e executavam as sentenças do Tribunal da Inquisição, e na qual os acusados de *heresia* (doutrina contrária à estabelecida pela Igreja em matéria de fé) ou de feitiçaria (feiticeiros) ou abjuravam (renegavam) os seus pretensos erros, ou eram condenados ao suplício da fogueira.

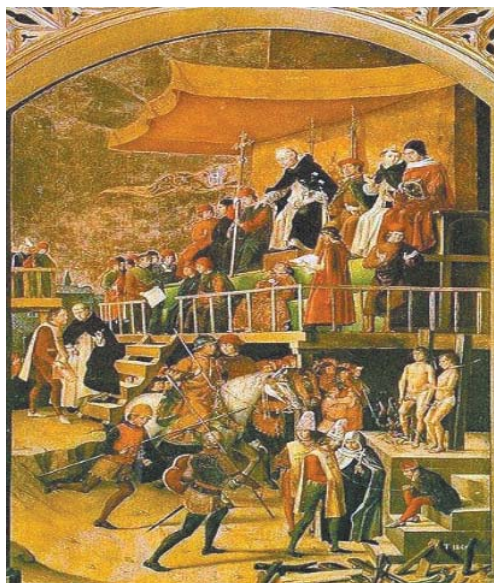
O AUTO DE FÉ DE BARCELONA – Oficialmente, a Inquisição espanhola foi abolida em 1834.

Na História do Espiritismo, entretanto, o ainda iniciante movimento espírita sofreu um duro golpe de intolerância religiosa, levado a efeito no ano de 1861 (até esta data, Allan Kardec havia publicado: *“O livro dos espíritos”*, em 1857, *“O que é o Espiritismo”*, em 1859, *“O livro dos médiuns”*, em 1861, e ainda, a *“Revista Espírita”*, a partir de janeiro de 1858). No dia 9 de outubro de 1861, na cidade de Barcelona, foram queimadas, em praça pública, obras remetidas pelo Codificador ao livreiro Maurice Lachâtre, francês, residente naquele município. Barcelona é a segunda maior cidade do Reino da Espanha, depois da capital, Madri. Importante polo cultural e centro turístico, está situada às margens do Mar Mediterrâneo, sendo a capital da Comunidade autônoma da Catalunha, possuindo, atualmente, pouco mais de 1.600.000 habitantes. À época do ocorrido que estamos relatando, a cidade já era a segunda da Espanha em importância.

Quem era o francês Maurice Lachâtre? Por que estava ele em Barcelona?

MAURICE LACHÂTRE (1814-1900) – Foi um escritor, filólogo, editor e livreiro. Espírito irrequieto, de tendências socialistas, era perseguido na França por motivo de publicação de algumas obras que irritaram tanto o governo de Napoleão III quanto a Igreja. Refugiou-se, então, em Barcelona, onde continuou com as suas atividades de escritor e livreiro, lá permanecendo até 1870. Organizou a enciclopédia *“Novo Dicionário Universal Ilustrado”*, e escreveu *“História da Inquisição”*, *“Os crimes dos Papas”*, além de outras obras. Era um admirador de Kardec, e registrou no *“Novo Dicionário”* que o Espiritismo *“reafirma os elementos de uma transformação das ideias, merecendo a atenção de todos os homens de progresso”*.

Na condição de livreiro em Barcelona, Lachâtre encomendou a Allan Kardec tre-



Pintura representando um «Auto de fé» da Inquisição Espanhola. Visões artísticas sobre o tema geralmente apresentam cenas de tortura de pessoas queimando na fogueira durante os rituais

zentas obras espíritas, que lhes foram remetidas em duas caixas, com as despesas aduaneiras pagas e satisfeitas todas as demais obrigações legais. Tudo, portanto, dentro da lei.

Para que as obras fossem desembarcadas no porto de Barcelona, Lachâtre foi obrigado a entregar uma relação das mesmas ao bispo da cidade, D. Antonio Palau y Termens (1806-1862), pois, na Espanha, a autoridade eclesiástica detinha,

à época, força policial para analisar e censurar qualquer livro. Ao tomar conhecimento da relação dos livros, D. Antonio ordenou que os mesmos fossem apreendidos e queimados em praça pública pelo carrasco oficial, na esplanada da cidade catalã, no mesmo local onde se executavam os condenados à pena de morte. Lachâtre entrou em contato com Kardec, para saber se deveria recorrer à autoridade superior, no que o Codificador opinou que se deixasse consumir o ato que considerava arbitrário. O livreiro ainda solicitou que as obras fossem reexportadas para Paris, mas obteve uma negativa com a seguinte justificativa do bispo: *“A Igreja Católica é universal, e, sendo estes livros contrários à moral e à fé católica, o Governo não pode permitir que eles pervertam a moral e a religião dos outros países”*.

Kardec mostrou-se bastante contrariado com a intolerância demonstrada pelas autoridades eclesiásticas espanholas, ainda mais que as reclamações apresentadas por intermédio do Cônsul francês em Barcelona não deram resultado algum. O Codificador, então, resolveu consultar seu guia espiritual, perguntando se deveria prosseguir na reclamação. Como resposta, o Espírito de Verdade aconselhou-o a esperar a consumação do fato, afirmando que o auto de fé resultaria em benefício para a propagação da Doutrina. Sobre isso, sugerimos a leitura das anotações de Kardec sobre o auto de fé, datadas de 21 de setembro e 9 de outubro de 1861, constantes de *“Obras póstumas”*.

A QUEIMA DAS OBRAS – Assim, por ordem do bispo D. Antonio Palau y Termens, consumou-se o auto de fé às dez horas e meia da manhã do dia 9 de outubro de 1861 na esplanada da cidade de Barcelona, quando foram queimados os volumes e as brochuras espíritas. Ao término desse ato de intolerância, a multidão afastou-se, gritando: *“Abaixo a Inquisição!”*. Para mais detalhes, especialmente sobre quais

obras foram levadas ao fogo, consultar a *Revista Espírita*, edições de novembro e dezembro de 1861.

.....O.....

Afirmou Allan Kardec, a respeito do auto de fé: *“Podem queimar-se livros, mas não se queimam ideias: as chamas das fogueiras as superexcitam, em vez de abafar”*. (*Revista Espírita*, nov/1861).

O tempo corre. No dia 9 de julho de 1862, desencarna o bispo D. Antonio. Kardec recebe a notícia do acontecido, e resolve evocá-lo na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, tendo elaborado algumas perguntas para o Espírito. Mas, numa reunião da mesma, D. Antonio, de maneira inesperada, manifestou-se espontaneamente a um dos médiuns. Na comunicação, mostrando uma profunda transformação em suas ideias, o antigo bispo diz: *“Auxiliado por vosso chefe espiritual, pude vir ensinar-vos com o meu exemplo e vos dizer: Não repilais nenhuma das ideias anunciadas, porque um dia, um dia que durará e pesará como um século, essas ideias entesouradas clamarão como a voz do anjo: ‘Caim, que fizeste do teu irmão? que fizeste do nosso poder, que devia consolar e elevar a Humanidade?’ O homem que voluntariamente vive cego e surdo de espírito, como outros o são do corpo, sofrerá, expiará e renascerá para recomeçar o labor intelectual que sua indolência e seu orgulho o fizeram esquecer. E essa voz terrível me diz: ‘Queimaste as ideias, e as ideias te queimarão.’”* E assina: *“O que foi bispo e que agora mais não é do que um penitente.”*

Allan Kardec, com sua costumeira dose de tolerância, caridade e bom senso, ao fim de comentários sobre a comunicação do Espírito, diz: *“Espíritas, perdoemos-lhe o mal que nos quis fazer, como quereríamos que as nossas ofensas nos fossem perdoadas e roguemos por ele no aniversário do auto de fé a 9 de outubro de 1861”*.

.....O.....

Decorridos 156 anos desse ato arbitrário de intolerância religiosa, ainda vemos na Terra, infelizmente, ações desenvolvidas por vários grupos políticos/religiosos extremistas, fanáticos que apelam para o terrorismo, espalhando a morte, o ódio e o medo em várias partes do Mundo. Mas sabemos que se trata de uma situação passageira, pois, além do progresso geral, que é inevitável, dentro das leis evolutivas universais de Deus, os Espíritos que não se coadunarem, ou seja, não se harmonizarem com os ensinamentos de Jesus, não estarão em condições espirituais de continuar habitando, por ora, este belo Planeta.

BIBLIOGRAFIA

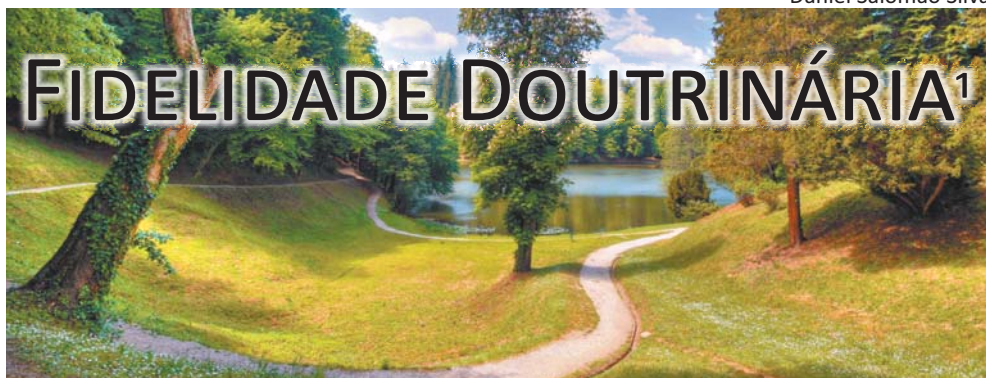
BARRERA, Florentino. *Auto-de-fé de Barcelona*. Trad. de Emília S. Coutinho e Gabriela S. Coutinho. São Paulo: CCDPE-ECM, 2007.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Trad. de Júlio Abreu Filho, nov. e dez./1861; ago./1862. São Paulo: Edicel, s.d..

_____. *Obras póstumas*. Trad. de Evandro Noleto Bezerra. Rio de Janeiro: FEB, 2009.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec – meticolosa pesquisa biobibliográfica*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. 3v.

Daniel Salomão Silva



2ª parte

Na primeira parte deste artigo, procurou-se destacar a imensa responsabilidade que tem aquele que escolhe trabalhar pela causa espírita, bem como a premente necessidade de preparação, através do estudo cuidadoso, daquele que se dispõe voluntariamente a cumprir as finalidades do Espiritismo com fidelidade.

Todavia, um outro aspecto que deve ser destacado, na tarefa de divulgação doutrinária, é a forma de se fazê-la. Segundo Emmanuel, “as reuniões doutrinárias devem observar o máximo de simplicidade, como as assembleias humildes e sinceras do Cristianismo primitivo, abstendo-se de qualquer expressão que apele mais para os sentidos materiais que para a alma profunda, a grande esquecida de todos os tempos da Humanidade”². Seja nos salões de palestra pública ou nas salas de evangelização infantojuvenil, a simplicidade dos objetos de uso ou adornos deve ser característica constante, deixando sempre em destaque a mensagem de Jesus nas ações e palavras dos trabalhadores. Tanto por questões financeiras, sempre presentes, quanto de coerência com a postura sóbria de Jesus em sua missão sublime, a preocupação maior do centro espírita deve ser de cunho espiritual. Simplicidade, porém, não é sinônimo de desleixo com o ambiente ou desprezo pelos importantes recursos tecnológicos da atualidade, mas é dar a eles a devida importância, sem exageros.

O vestuário daquele que assume posição de orador ou evangelizador, principalmente nas atividades de assistência e promoção social, também deve ser marcado pela sobriedade. “Por que tão singelo traje?”, pergunta Kardec, ao analisar a ação caridosa de nobre mulher. Diante dos que auxiliava, em situação de vulnerabilidade social, aquele espírito abnegado, em roupas simples e bem cuidadas, não queria “insultar a miséria com o seu luxo”³. Mais uma vez, porém, é importante diferenciar simplicidade de desmazelo. A Doutrina Espírita não impõe nem restringe nenhum tipo de vestimenta, mas convida-nos apenas a uma postura mais comprometida com seus reais objetivos.

Parafraseando o texto citado de Emmanuel, tocar a alma deve ser mais importante que tocar os sentidos. Na tarefa de evangelização infantojuvenil, por exemplo, a maior parte das atividades, dinâmicas ou brincadeiras propostas deve ter como finalidade alguma reflexão moral. Se entrevistamos um grupo de crianças pequenas após uma sequência de aulas extremamente “divertidas”, podemos receber delas uma avaliação

positiva. A realidade, entretanto, se avaliada por um trabalhador mais experiente, pode se revelar desanimadora se, em toda essa diversão, foi esquecida a mensagem de Jesus.

Enfim, no teor da temática abordada em uma exposição espírita, ser simples, sem ser superficial, é também fundamental. Tem sido comum, na atualidade, a inserção abusiva de temas excessivamente complexos ou desconectados da função consoladora do Espiritismo nas tarefas doutrinárias. Temas como “Física Quântica”, por exemplo, abordados por pessoas sem formação específica no assunto e com difícil associação à mensagem cristã, frequentemente surgem em palestras espíritas. Sem julgar as intenções dos expositores e sem desqualificar esta importante área da Ciência, cabe-nos apenas questionar se, para aqueles que buscam consolo no centro espírita, esta abordagem tem alguma consequência positiva. Um outro problema surge quando, trabalhando temas científicos complexos, o expositor, se despreparado, traz informações incorretas que, aos ouvidos de algum especialista na plateia, depõem contra a seriedade da mensagem espírita. A linguagem usada, independentemente do tema tratado, também deve ser bem pensada. Para públicos heterogêneos, deve-se lembrar que o nível de instrução de alguns dos presentes pode não ser suficiente para o entendimento de termos mais técnicos ou palavras mais eruditas.

Mesmo temas especificamente espíritas, quando de maior complexidade, devem ser trabalhados com cuidado. André Luiz recomenda “não se reportar abusiva e intempestivamente a fatos e estudos doutrinários de entendimento difícil, devendo selecionar oportunidades, quanto a pessoas e ambientes, para tratar de temas delicados”⁴. Estudar a série psicológica de Joanna de Ângelis, em um grupo já estudioso da Doutrina, é de consequências importantíssimas para diversos trabalhos dentro e fora do centro espírita. Da mesma forma, diante das contribuições científicas de André Luiz, ou relativas ao campo da desobsessão e da enfermagem espiritual na obra de Manoel P. de Miranda, o aprofundamento é fundamental. Porém, desenvolver esses temas em palestras públicas, para iniciantes, leigos, ou pessoas em desequilíbrio emocional, pode não ser o mais adequado.

A exposição doutrinária, para crianças, jovens, adultos ou desencarnados, deve ser cuidadosa. André Luiz afirma que “o orador é responsável pelas imagens mentais que plasme nas mentes que o ouvem”⁴. O que falamos, os gestos ou as imagens que mostramos, quando na posição de expositores ou evangelizadores, atingem os que nos ouvem imediatamente e, muitas vezes, profundamente. Naturalmente, nossa preocupação maior é projetar imagens saudáveis. Se escolho trabalhar a temática da violência, por exemplo, não preciso contar histórias violentas ou mostrar em *data-show* imagens agressivas. Se pretendo trabalhar temas relativos à sexualidade, não preciso apresentar figuras ou contar histórias sensuais. Ambos os temas podem ser desenvolvidos a partir de seus opostos ou complementos, através de uma proposta de paz ou de respeito ao próximo, respectivamente. O *data-show* é uma ferramenta muito útil, mas seu uso, como o de qualquer outro recurso de exposição, deve ser bem planejado, tanto na escolha de imagens positivas, quanto na de textos curtos, tanto na busca de leveza nos *slides*, quanto de desenvoltura em seu manuseio.

O expositor deve estar atento também para com o uso de exemplos pessoais ou da plateia. No primeiro caso, deve-se refletir muito quanto à utilidade e à intenção do exemplo. Se entre as motivações da ação estiver a exaltação do orador como modelo a ser seguido, deve-se tomar cuidado. Nosso exemplo sublime de comportamento é Jesus. Nós, enquanto espíritos ainda imperfeitos, sujeitos a falir, talvez não estejamos em posição de modelo a ninguém. Buscar exemplos na plateia pode ser ainda mais constrangedor, pois pode suscitar desconforto naquele que é citado, mesmo em um exemplo fictício. Se, coincidentemente, o citado estiver passando ou já tiver passado por situação semelhante, o resultado pode ser desastroso.

Palestra pública não é *show* de humor, nem drama. Lembrar-se de uma exposição doutrinária pelas excessivas piadas do orador ou por ter chorado convulsivamente diante de uma história dramática não é bom sinal. O alívio cômico em determinados momentos da exposição tem sua importância. A emoção diante de mensagens profundas ou histórias exemplares é natural e enriquecedora. Porém, quem vai ao centro espírita em busca de lazer está no caminho errado. Como já dito, o excesso de brincadeiras muitas vezes é visto como atrativo a crianças e jovens, ao lado do falso argumento de que se deve competir com jogos eletrônicos e televisão. Porém, esta não é a função do centro espírita. O adulto e a criança devem buscar o Espiritismo, em primeiro lugar, pela sua função esclarecedora e consoladora. Um dos assuntos que, infelizmente, tem sido banalizado, talvez em busca deste caráter mais divertido ou “interessante” nas palestras públicas, é a mediunidade. Casos mediúnicos, normalmente envolvendo o expositor, são relatados exaustivamente, provocando espanto ou gargalhadas na assistência, muitas vezes ainda leiga no assunto. Mediunidade é algo importantíssimo, que deve estar presente nos estudos doutrinários, mesmo por ser um dos pilares da Doutrina Espírita. Todavia, deve estar presente pelo seu caráter consolador e de forma responsável. Mentores espirituais não “batem boca” em tom jocoso com expositores durante a palestra pública ou pedem para informar a plateia que estão entrando no centro espírita pela janela ou atravessando paredes. Histórias envolvendo fenômenos mediúnicos, de vivência própria ou não, podem sim contribuir para uma boa exposição doutrinária. Deve-se refletir sobre a finalidade de se usá-los.

Enfim, trabalhar pela Doutrina, especificamente no uso da palavra falada ou escrita, é de grande importância. O Espírito Erasto, um dos contribuidores da Codificação Espírita, é enfático: “ide e pregai a palavra divina”⁵. Nesta tarefa, cabe ainda lembrar a famosa recomendação do grande orador cristão Paulo de Tarso, de que não deve sair de nossa boca “nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem” (Ef, 4:29).

Na terceira parte deste artigo, mais alguns pontos importantes serão desenvolvidos.

1. Artigo derivado de seminário sobre o tema apresentado primeiramente em duas reuniões do 7º CRE.

2. XAVIER, Francisco Cândido. Pelo espírito Emmanuel. **O Consolador**. 29a ed., FEB, q. 373.

3. KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro, 112a ed., FEB, c. 13, i. 4.

4. VIEIRA, Waldo. Pelo espírito André Luiz. **Conduta Espírita**. 18a ed., FEB, c. 14.

5. KARDEC, Allan. **O Evangelho segundo o Espiritismo**. Tradução de Guillon Ribeiro, 112a ed., FEB, c. 20, i. 4.

Allan Gouvêa

DESPERTAR PARA A VIDA

Indiferença. Solidão. Ressentimento. Culpa. Vazio existencial. Ansiedade. Depressão. São muitos os problemas e os sentimentos que sinalizam os sintomas de que estamos construindo uma sociedade doente. Se a tecnologia encurtou distâncias e aproximou pessoas, facilitando a comunicação, o que temos visto é que, na verdade, as pessoas continuam distantes umas das outras e acumulam sensações que vão de encontro com o verdadeiro sentido da experiência humana na Terra.

Por essas razões, as campanhas de valorização da vida, como o Setembro Amarelo, têm se fortalecido ano após ano, tanto por parte de instituições religiosas quanto de organismos que promovem políticas de saúde pública. Isso porque o suicídio tem sido uma rota de fuga para muitos indivíduos em relação aos dilemas e às dificuldades que caracterizam nossas vidas. No Brasil, a gente não vê notícias dessa natureza nos jornais nem nas revistas, sob a tentativa de evitar o incentivo a essa prática; no entanto, não raro ficamos sabendo de pessoas que atentaram contra a própria vida e isso, aparentemente, tem se tornado gradativamente mais comum.

É bem verdade que o desenvolvimento da vida humana parece apontar, cada vez mais, para a necessidade do ter como única possibilidade de busca da felicidade. O impulso pelo consumo de bens materiais e simbólicos exige que cada um de nós tenha o melhor carro, a melhor casa, um corpo perfeito, que faça viagens incríveis para postar fotos nas redes sociais... Investimos esforços, emoções, tempo e dinheiro para satisfazer todos os nossos desejos materialistas e superficiais. Nesse mundo consumista, a competitividade e a disputa por ter o melhor em tudo nos tornam seres individualistas, capazes de sobrepujar os interesses dos outros em defesa dos nossos. Importa-nos apenas o *nosso* espaço, a *nossa* religião, a *nossa* visão de mundo, o *nosso* interesse. Assim, esquecemo-nos frequentemente de parar, esvaziar a mente, contemplar a natureza e conectar-se com o Altíssimo.

O Espiritismo, nessa conjuntura, apresenta-nos uma proposta de vida completamente diversa da que parece prevalecer nos dias atuais. A filosofia espírita nos faz compreender que somos Espíritos, em essência, passando por uma experiência material, por

meio do corpo físico, perecível e transitório. Em se tratando de sensações materiais, tudo é efêmero. “Isso também passa”, diria Chico. Cientes dessa verdade, é preciso compreender que os prazeres terrenos, assim como as tormentas de nossas vidas, são passageiros. Por conseguinte, não devemos mais eleger o apego, a sensação de posse e o excesso em relação às coisas de natureza material como atributos vivenciais. É preciso entender que o homem deve usufruir da matéria como meio de evolução espiritual, como veículo de uma educação moral, capaz de nos libertar dos grilhões de um homem velho, que sofre em razão de suas próprias iniquidades.

O despertar para a consciência de nossa natureza espiritual também nos coloca diante da realidade de que fazemos parte de uma grande família universal. Isso posto, cabe lembrar que nunca estamos sozinhos, há sempre alguém a zelar por nós. É preciso, contudo, permitir que a presença dos amigos espirituais seja efetiva, de modo que nossos mentores tenham a possibilidade de sensibilizar nossas mentes e nossos corações e, para isso, precisamos estar receptivos. A oração e a vigilância dos pensamentos – recomendações de Jesus – são ações que facultam, por exemplo, o nosso encontro com os bons Espíritos durante o desdobramento do sono físico.

De todo modo, quando a vicissitude nos visita, é muito comum que, de imediato, a gente questione, se revolte e queira fugir do problema. Entretanto, como já dissemos, as sensações de desespero são também passageiras. A instabilidade é uma característica constitutiva do processo de viver no nosso nível evolutivo, visto que ainda não dispomos de ferramentas que podem controlar completamente os acontecimentos. Porém, o que nós costumeiramente fazemos é remoer os eventos tristes, armazenar mágoas do pretérito que só fazem mal a nós mesmos e, assim, nos ocupamos de um passado que, então, se torna presente.

Não queremos exaltar, com isso, o sofrimento humano, nem dizer que devemos gostar de sofrer. Na verdade, a proposta é fazer com que os indivíduos reflitam sobre o papel educativo das dificuldades de nossas vidas, que entendam e aceitem o sofrimento, mas que saibam enfrentar os obstáculos com dignidade, perseverança e disposição. Resignar-se diante de um problema não implica adotar uma postura de passividade. Muito pelo contrário. É justamente na tarefa de superar as dificuldades que encontramos o aprendizado que nos é oferecido. A revolta é, por assim dizer, um sentimento que aniquila as nossas forças, não resolve o problema e nos faz sofrer ainda mais. Se confiamos plenamente na sabedoria divina, precisamos reconhecer o nosso potencial em vencer as barreiras que são colocadas em nosso caminho. Sempre que a dificuldade passa, por mais tortuosa que tenha sido, nós olhamos para trás e nos admiramos com o amadurecimento que aquela experiência nos possibilitou.

Ainda não é possível viver uma vida sem dificuldades, porém é forçoso perceber que elas se originam exatamente dos nossos próprios defeitos. Ainda tão mesquinhos e infantis do ponto de vista espiritual, acrisolamo-nos a pequenos problemas, achamos que a felicidade depende dos outros e culpamos terceiros pelas nossas próprias faltas. Será que, realmente, para sermos felizes, precisamos daquilo que não temos materialmente? A cada um, Deus conferiu tesouros e sementes que devem ser compartilhados e

semeados. Trata-se de uma necessidade do equilíbrio da vida na Terra; se todo mundo fizesse a parte que lhe cabe na obra da Criação, certamente viveríamos em mundo mais justo, igualitário e, portanto, mais feliz. É imperioso despertar a nossa consciência para o que realmente importa, para o essencial que passa desapercibido de nossos olhos tão grosseiros.

Não é preciso filosofar profundamente nem encontrar razões para além da realidade que nos rodeia para entender o verdadeiro sentido da existência humana. Basta olhar em volta de nós e perceber as necessidades dos outros e as nossas potencialidades de oferta, basta perceber que nascemos numa coletividade na qual um depende do outro para viver confortavelmente. É urgente resgatar o senso de humanidade que parece estar oculto nas relações frias e truculentas de uma sociedade imediatista e egoísta, que prefere se relacionar com máquinas e animais, em detrimento de outros irmãos. A vida em comunidade nos possibilita o aprendizado na medida em que nos ajuda a lidar com as diferenças. O outro sempre é um agente com o qual temos a aprender. E, mais do que isso, dividir com os semelhantes a jornada terrena, doando-se ao outro, é uma terapêutica espiritual das mais eficazes, porque cria laços afetivos e vínculos de amizade que tornam a caminhada mais leve e plena. É possível construir essas relações em grupos de estudo, de atividades físicas, de lazer e de ajuda ao próximo. Na verdade, fazer o bem pelo bem é, em última análise, fazer o bem a si mesmo.

Não é necessário ter muito para ajudar o outro porque, na maioria das vezes, o que o outro precisa é apenas ser ouvido, ter um ombro amigo ou, simplesmente, um olhar atento. A verdadeira revolução se dará pelo afeto que pudermos compartilhar e oferecer aos nossos iguais. Não é preciso falar muito nem ter informação demais, aliás, no mundo de hoje, há excesso de informação, que chega de forma de tão abrupta e demasiada, que acabamos ficando apenas na superfície das ideias, sem refletir nem se aprofundar nos acontecimentos.

Em suma, queremos propor que, quando acharmos que estamos sem razões para viver, na verdade, devemos aguçar nossos olhos e ouvidos porque, bem perto de nós, existem cem ou mais razões para bem viver. Uma vida só pode mesmo fazer sentido se encontrar a verdadeira felicidade na ação de fazer o bem pelo simples prazer de fazer o bem. Esse bem não nos pode ser tirado e ele nunca acaba quando termina, porque é a sublime expressão do amor divino que está latente dentro de cada um de nós.

Para além de todas as sugestões elencadas nesse texto, é sempre recomendável a procura por um profissional que nos ajude na busca do equilíbrio psíquico. Fazer terapia com um psicólogo ou consultar um psiquiatra não nos torna necessariamente doentes; a saúde da mente é tão ou mais importante que a do corpo. Outras formas de apoio também estão disponíveis no diálogo fraterno dos centros espíritas, no serviço do SOS Preces (3236-1122) ou, ainda, em entidades sérias que atuam 24h por dia, como o Centro de Valorização da Vida (cvv.org.br | telefone 141).

Pela revisão crítica e interlocução de ideias, agradeço a colaboração do amigo Gabriel Lopes Garcia.

O filósofo Platão, na Alegoria da Caverna (*A República*), conta, metaforicamente, que, para a aquisição de conhecimento, é preciso um afastamento das sombras (espaço em que vivemos – o sensível) e aproximar-se das luzes (o espaço ideal e metafísico – o imanente). A partir desses dois espaços dicotômicos, surge na sociedade o conceito de que a verdade está no plano espiritual e a falsidade no plano material. Daí, cria-se um efeito em cadeia em que nos levará à depredação do corpo físico diante da fragilidade da vontade e dos desvios da moral.

O Cristo (sempre ele), entretanto, aponta para um caminho diferente. O mestre, quando encarnado na Terra, nasceu, viveu e morreu como homem. Com isso ensinou que a matéria é um elemento importante e valorativo. Ao se fazer homem, Cristo apontou para o fato de que todos podem realizar as coisas que ele fazia, pois sua potencialidade não estava em caracteres especiais, mas na capacidade individual na realização de feitos que dependiam, assim, do auto-esforço.

Essa validade dos elementos materiais e espirituais será aprendida por André Luiz em *Os Mensageiros*. Lembremos os últimos acontecimentos. O livro continua de onde *Nosso Lar* parou: o momento que André volta da Terra após uma semana de convivência com seus familiares. Agora ele relata suas experiências e a melhoria interna de seus valores espirituais: “Experimentava o júbilo da descoberta de mim mesmo. (...) Expusera-me o organismo espiritual ao sol da Bondade Infinita.”

A partir de tão grande metamorfose, André passa a considerar novas formas de amor, sem mais o egoísmo ou mesmo o orgulho: “Pela primeira vez, cataloguei adversário na categoria de benfeitores. Perdera totalmente a paixão pelos assuntos de ordem menos digna”.

Entretanto, o que deveria trazer apenas o reconforto redundou em consequências menos favoráveis. O afastamento da vida material e, por conseguinte, de seus

ENTRE O CÉU



U E A TERRA

Roberto Lota

assuntos, não construiu em André um amor pleno, mas sim vazio. Cansado da vida material, seus esforços em se livrar da materialidade do espírito redundou num daninho afastamento de outros aspectos importantes da existência. “Suprema alegria inundava-me o espírito, ao lado de incomensurável sensação de tédio, quanto às situações da natureza inferior. (...) Meu coração era bem um cálice luminoso, porém, vazio”.

André Luiz repete a cisão excludente que há tanto ocupa os espíritos do homem. Os espíritos, no entanto (conforme Cristo), mostraram o equívoco do pensamento. É a dialética das oposições que nos levará à realização do cresci-

mento espiritual. Em *O Livro dos Espíritos*, pergunta 132, Kardec tem como resposta que tal dialética visa “pôr o Espírito em condições de suportar a parte que lhe toca na criação. Para executá-la é que, em cada mundo, toma o Espírito um instrumento de harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de aí cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus”. A resposta é clara: as forças orgânicas e espirituais se consubstanciam a fim de nos elevar à perfeição.

Buscamos essa perfeição porque ela nos leva à felicidade. Se na encarnação ela se reúne nas duas definições “com relação à vida material, é a posse do necessário. Com relação à vida moral, a consciência tranquila e a fé no futuro”; no plano espiritual, ela é atingida a partir do serviço e da ajuda. E será essa condição que André Luiz, em *Os Mensageiros*, irá se impor. “Trabalharia, sim. Conheceria a satisfação dos cooperadores anônimos da felicidade alheia. Procuraria a prodigiosa luz da fraternidade, através dos serviços às criaturas”.

De tudo isso, a trajetória de André Luiz mostra que somente com a conciliação de nossa dupla natureza poderemos atingir os objetivos de elevação. Se partirmos somente do corpo, poderemos nos tornar hedonistas; se somente do espírito, poderemos ficar alienados às coisas materiais. Somente a partir da fusão, cuja maior representatividade está na figura de Jesus, que seremos plenos.



Sabemos que os genes herdados pelo Espírito reencarnante e que vão ser responsáveis pela construção de seu novo corpo são “selecionados” pelo Espírito, quando da ligação mental aos gametas, o espermatozoide paterno e óvulo materno. Tal atração magnética se dá em virtude da condição intelecto-moral da individualidade em vias de se ligar à matéria e de suas necessidades evolutivas. Em condições especiais, esses gametas são escolhidos e magnetizados por técnicos da espiritualidade, mas são respeitados os mesmos princípios de merecimento e necessidade.

A identificação do Espírito com determinado contexto reencarnatório não se dá de forma aleatória. A presença numa ou noutra família corporal e em uma cultura específica obedecem a princípios de afinidade espiritual, em que individualidades afins se reencontram para viver experiências em comum.

De forma equivalente, os genes que vão construir e fazer funcionar o novo corpo não são resultado do acaso, mas “selecionados” pelo reencarnante quando de sua imersão na matéria física. A seleção do genoma que mais se identifica com as necessidades do Espírito reencarnante é condição essencial ao desiderato de sua existência corporal. O processo da fecundação, na qual o espermatozoide que “vence a corrida” penetra a intimidade do óvulo, formando a célula-ovo é “gerenciado”, geralmente de forma inconsciente, pelo Espírito que retorna à Terra.

A lei de causa e efeito vincula o reencarnante ao aparelho genésico de uma mulher que se relaciona com ele por elos de afinidade espiritual. A ligação inicial da entidade reencarnante será ao óvulo materno. Os ovários da mulher possuem cerca de 400 mil óvulos quando da primeira menstruação. Mensalmente, um óvulo (os ovários se alternam ciclicamente), por influência de hormônios liberados pela glândula hipófise, sofre o processo de amadurecimento e é liberado pelo ovário, sendo recolhido pela tuba uterina. Os cientistas admitem, até então, que a ovulação seja um processo aleatório, ou seja, não são conhecidos os fatores que determinam qual óvulo, em detrimento de outros, sofrerá processo de amadurecimento e liberação.

Esse processo, todavia, não é aleatório. O psiquismo reencarnante, via seu campo magnético, sintoniza-se com o gameta feminino cujo conjunto de genes se identifica com as suas características pessoais, ou seja, sua identidade espiritual, na qual se refletem, de forma automática, suas necessidades evolutivas. As energias da entidade reencarnante projetadas no óvulo “selecionado”, vão magnetizar essa célula, disparando o mecanismo

fisiológico conhecido pela biologia reprodutiva como *ovulação*.

Processo idêntico ocorre quando da “seleção” do gameta masculino. No ejaculado humano, milhões de espermatozoides disputam o privilégio de unir-se ao gameta feminino ao término da disputada corrida, através do aparelho genital feminino. Qual espermatozoide vencerá a corrida? O mais apto, afirmam os pesquisadores! Na verdade, vencerá a corrida o espermatozoide que carrega em seus vinte e três cromossomos os genes que sintonizam com o psiquismo reencarnante.

Ao fim da corrida, que se dá, via de regra, no terço posterior da tuba uterina, espermatozoide (carregando 23 cromossomos) e óvulo (igualmente com seus 23 cromossomos) fundem seus núcleos, dando origem à célula-ovo, com os 46 cromossomos da espécie humana. Nesse instante, o Espírito reencarnante concentra suas energias na célula que acaba de se formar, ligando-se, então, de forma mais ostensiva, à dimensão material.

O reconhecimento desse processo, todavia, pode dar-nos a ideia equivocada de que **todos** os genes são assim selecionados, segundo os critérios de atração e afinidade. Isso não se verifica e é importante compreendermos o porquê.

Embora o Espírito participe da seleção dos gametas (espermatozoide e óvulo) responsáveis pela formação de seu corpo físico, desse fato não se pode concluir que o reencarnante “seleciona” de forma indiscriminada *todos* os genes que “deseja”, “merece” ou “precisa”. Existem leis biológicas que serão obrigatoriamente respeitadas. Uma dessas leis deixa evidente que certos genes estão tão próximos em região específica do cromossomo que serão selecionados **em conjunto**, como um verdadeiro pacote. Quando da formação dos gametas (espermatozoide e óvulo), esses genes permanecem sempre muito juntos e não podem ser separados. Isso se chama *linkage*, ou seja, genes unidos. Assim, ao “selecionar” determinados genes necessários a sua nova experiência encarnatória, o Espírito pode “carregar” outros genes, que não foram necessariamente “escolhidos”, mas que vêm no pacote.

Vejamos um exemplo hipotético: determinado Espírito deseja (ou precisa) viver experiências na esfera da música, na condição de pianista. Ao sintonizar-se com o gameta paterno e materno, o fará com aqueles que contêm genes vinculados à fisiologia musical do cérebro. Assim, a construção e o funcionamento de um cérebro com circuitos mais adequados ao exercício da música lhe estarão assegurados. Se, por hipótese, junto a esses genes se encontram genes relacionados, por exemplo, à calvície, eles virão juntos. Ele deverá se constituir em um *pianista calvo*. Os genes da calvície, nesse nosso exemplo, não foram selecionados pelo reencarnante, mas vieram, por *linkage*, no pacote.

Um outro exemplo: certa entidade precisa ou deseja desenvolver experiências profissionais em dada atividade esportiva, necessitando de um aparelho osteomuscular adequado. Assim, ele vai selecionar os genes ancestrais que permitirão construir um corpo com as características físicas que necessite. Se, por hipótese, esses genes estiverem ligados (em *linkage*) no mesmo cromossomo a genes relacionados, por exemplo, à obesidade e à gagueira, esse hipotético atleta deverá lutar em toda a sua existência contra as dificuldades relacionadas às duas condições citadas.

Acredito que a compreensão do fenômeno do *linkage* possa nos ajudar a entender certas condições verificadas com a personalidade reencarnada, que, sem esse entendimento, poderiam parecer estranhas ou injustificadas.

Ivana Raisky

O EVANGELHO DE JESUS EM NOSSAS VIDAS

Para falarmos sobre o evangelho de Jesus e o que ele pode fazer em nossas vidas, precisamos primeiro entender quem é Jesus.

Jesus é Deus?

Não, Jesus não é Deus. Ele é um espírito puro, criado por Deus como todos nós fomos, ou seja, espíritos simples e ignorantes. Só que Jesus é nosso irmão bem mais velho! Percorreu a escala evolutiva, tornando-se um espírito perfeito.

Quando o planeta Terra estava se formando, Jesus já estava no comando desse processo. Quando vieram aqui habitar os primeiros espíritos, Jesus já era o nosso governador espiritual do planeta. Ele acompanha nossa evolução na condição de irmão mais experiente, que nos ama muito e zela por nosso bem.

Com a Doutrina Espírita, aprendemos que diferentes são as classes dos espíritos criados por Deus e as categorias dos mundos habitados. Sim, isso mesmo, mundos habitados. A Terra não é o único planeta nesse universo infinito a servir de morada para a criação Divina. No caso do nosso planeta, aprendemos que ele é um mundo de expiações e provas, passando por um processo evolutivo rumo à regeneração. Podemos dizer que estamos na infância espiritual, mas, sempre evoluindo e algo que podemos afirmar com certeza é de que seremos todos algum dia espíritos puros, vivendo em mundos ditos ou celestes.

Se Jesus é esse espírito puro, por que reencarnou aqui na Terra? Não deveria habitar mundos celestes? Sim, ele habita. No entanto, se propôs a vir, renascer entre nós, passar por tudo o que passou, para que pudesse nos deixar seu exemplo, pois ele foi aquele que viveu tudo o que ensinou. Aliou teoria à prática em tudo. Por amor a nós, Jesus esteve aqui reencarnado e por esse mesmo amor ele nos prometeu rogar ao Pai que nos enviasse um consolador, que ficasse eternamente conosco e retirasse o véu sobre pontos que não haviam sido compreendidos em seus ensinamentos. Assim, ele presidiu o surgimento do Espiritismo, ou Doutrina Espírita, nomes designados por Allan Kardec para a nova doutrina que estava surgindo com o lançamento de *O Livro dos Espíritos*, em abril de 1857.

O Espiritismo veio nos ajudar na compreensão dos ensinamentos do Cristo. Faz-nos compreender que não existe injustiça nesse mundo. Tudo acontece para o nosso bem e aprendizado. Se nos afastamos das Leis Divinas, sofremos as consequências dessa nossa rebeldia, como forma de aprendizado para cada um de nós. Mas Deus, que é Pai de infinito amor e bondade, está sempre a nos guiar, sempre se preocupando conosco e nos dando tantas oportunidades quantas forem necessárias para que possamos aprender a amar e a cumprir seus desígnios.

O evangelho de Jesus nos traz o código de conduta ética, moral e espiritual pelo qual nós devemos pautar na vida diária. Seguindo as orientações de Jesus estaremos no caminho certo, rumo à verdadeira felicidade.

Sabemos que não é fácil seguir tudo o que Jesus nos recomenda. Afinal, somos seres ainda tão apegados à matéria! Mas, à medida em que vamos nos esclarecendo acerca das Leis Divinas, quanto mais a compreendemos e aceitamos, mais facilmente será para nós melhorarmos como seres humanos, afinal, nosso objetivo ao reencarnarmos tantas vezes é o de, justamente, aprendermos a sermos pessoas melhores, desenvolvendo os sentimentos de amor a nós, ao próximo e a Deus.

Obrigada, Jesus, por cuidar de nós! Obrigada Allan Kardec e espiritualidade amiga, por nos oferecer a Doutrina Espírita, esse sol em nossas almas.

Espitirinhas



Wilton Pontes

Gabriel Garcia

TENTAÇÃO



A filosofia espírita entende como finalidade principal da vida a progressão continuada de todos os seres. Atravessamos diversas experiências reencarnatórias construindo avanços intelecto-morais que nos conduzem, gradativamente, a estados superiores da Consciência de Si mesmo e do Cosmos. Progressivamente transitamos do Eu individual (consciência unilateral e egocêntrica) para a Consciência universal (consciência onilateral e cosmocêntrica). Esta tarefa nos ocupa múltiplas encarnações, cada qual trazendo sua cota dos desafios evolutivos necessários em cada estágio da ascensão evolucionar.

As diferentes escolas religiosas abordam esta questão, variando nas interpretações superficiais, narrando a epopeia humana rumo ao advento da Consciência perfeita, livre de toda a influência da matéria. Neste caminhar somos todos testados repetidas vezes, nas diferentes instâncias de comportamentos, de modo a conquistarmos as virtudes e os conhecimentos que nos permitem evoluir a níveis superiores. Genericamente são chamadas de tentações essas vivências provocacionais. O Espiritismo entende que se trata de um processo natural e corriqueiro para os Espíritos em trabalho de progresso. Essas ocasiões revelam-se de alta importância para o nosso amadurecimento espiritual.

Basicamente, a Doutrina Espírita identifica duas fontes externas provocadoras das

ditas tentações nos homens: os prazeres materiais e a má influência de alguns desencarnados. Externa é a origem do estímulo, ressaltamos, posto que algo pode ser tentador para uma pessoa e indiferente a outra, a depender de sua condição evolutiva. Isto implica em assumir o paradigma da ação responsável, entendendo que se algo me tenta é porque as circunstâncias e a fragilidade dos pendores viciosos que ainda possuo criam essa tensão interna a qual chamo de tentação. Logo, ser tentado, na visão espírita, quer dizer atravessar um processo natural de enfrentamento de adversidades íntimas diante de contextos provocativos, a requerer atenção e empenho para a superação, sem culpa ou repressão inútil.

Vejamos o diálogo de Kardec em *O Livro dos Espíritos*, item 712: *Com que fim pôs Deus atrativos no gozo dos bens materiais?* “Para instigar o homem ao cumprimento da sua missão e para experimentá-lo por meio da tentação.” a) *Qual o objetivo dessa tentação?* “Desenvolver-lhe a razão, que deve preservá-lo dos excessos.” Fica evidente a necessidade da atração dos prazeres materiais para que possamos, simultaneamente, cumprir os desígnios providenciais e exercitar a ponderação, a reflexão, para não prejudicarmos o corpo nem rebaixar os comportamentos. Desafios que só enfrentamos enquanto vivendo no mundo corpóreo.

Por outro lado, sabemos da ação incessante dos Espíritos sobre os homens, influenciando através de pensamentos e sugestões, induzindo a comportamentos variados de acordo com a intenção e a moralidade do agente. Buscam captar os desejos dos encarnados (mesmo os não admitidos e/ou aceitos) e atuam com a vontade dirigida estimulando as ações a partir dessa base. Ressalte-se, todavia, que só podem atuar utilizando material emotivo, sentimental e psíquico do paciente e se o mesmo lhe oferecer campo mental propício. Uma vez mais, a tentação vivenciada é a combinação do estímulo externo (neste caso desencarnados mal intencionados) com elementos internos do próprio sujeito tentado.

Recomenda o Espiritismo, concordando com a orientação do mestre Jesus, a oração como um mecanismo eficiente para lidar com as tentações, não no sentido de evitá-las, mas para resistir e não sucumbir a elas. Orar ajuda a afastar as más influências espirituais, atrai os bons Espíritos a nos aconselhar e fortalece a nossa vontade para rechaçar os arrastamentos tentadores. Não é fórmula mágica a resolver nossas questões íntimas nem a delegar a responsabilidade pessoal a outrem. Trata-se de mecanismo de auto-observação, de pacificação interior, de ligação com o divino que habita em nós, sempre a desenvolver-se quando recebe a atenção devida e os esforços adequados. Conjugado à prece, estamos convidados a agir no sentido de desenvolver nossas virtudes, aprendendo no suor de cada experiência difícil, empenhando a inteligência e a vontade resoluta, ganhando paulatinamente domínio sobre nós mesmos, o único poder de fato a que devemos aspirar na vida.

Kamilla Marina de Almeida Telles



“AMAR AO PRÓXIMO COMO A SI MESMO”: AMPLIANDO INTERPRETAÇÕES A PARTIR DO CONCEITO DE “SOMBRA” DE CARL GUSTAV JUNG

“E aqui tendes o segundo mandamento: amarás o teu próximo, como a ti mesmo”.

Ao estudarmos esta passagem do ***Evangelho de Jesus*** é comum que nos sintamos desconfortáveis diante da aparente necessidade de igualarmos o trato aos entes mais próximos àquele dispensado às outras pessoas. Geralmente, o estudo deste trecho divide os interessados em dois “grupos”: aqueles que admitem para si, e para os outros, que estão muito distantes da execução do mandamento; e aqueles outros que, apesar de não conseguirem cumprir com a proposta de Jesus de maneira integral, pelo menos creem já não mais desejarem prejudicar o próximo por meio de ações. Dessa forma, neste último grupo, os pensamentos maléficos não chegam a tomar a forma de ações de ódio e vingança contra o próximo.

Pois bem! O que na maioria das vezes ocorre, no entanto, é uma interpretação deste mandamento considerando a perspectiva do que é **externo** a nós. Ou seja, ao nos depararmos com o ensinamento, frequentemente somos tendenciados a pensar naquilo que **podemos (ou não) fazer ao próximo** no intuito de nos aproximarmos, ainda que a passos lentos, daquilo que Jesus denominou como sendo caridade.

É claro que analisar tal passagem pela perspectiva da caridade ao próximo é essencial e deve ser o objetivo a ser seguido por todos os indivíduos. **No entanto, o outro só pode ser amado a partir do momento que é compreendido como uma extensão de nós mesmos.** Diante disso, como analisamos a questão do “amar a si mesmo”? Será que nos amamos o suficiente para amarmos ao próximo? Se, ao invés de caminharmos, **unicamente**, em direção ao outro, passássemos a fazer, também, o cami-

nho de retomada a nós mesmos por meio da autotransformação e autoconscientização?

A fim de ampliar essa possibilidade lançamos mão do conceito de “**sombra**” proposto pelo psiquiatra suíço **Carl Gustav Jung** e reafirmado pela benfeitora **Joanna de Ângelis**. Podemos, portanto, compreender a “sombra” como sendo todos aqueles aspectos dos quais **preferimos nos afastar e manter um olhar incompleto**, ainda mais porque são contrários aos costumes e às convenções morais da sociedade. Podemos dizer, ainda, que representa aquilo que é desconhecido ou pouco conhecido pela consciência; **que negamos que exista em nós, porém que reconhecemos perfeitamente no outro**. É como interrogou Jesus “Como é que vedes um argueiro no olho do vosso irmão, quando não vedes uma trave no vosso olho?”.

A este fenômeno, Jung e Joanna atribuíram o nome de “**projeção**”, ou seja, a tendência em percebermos uma característica **NOSSA** como pertencente ao **OUTRO**; propensão esta que ocorre quando nos sentimos constrangidos e/ou ameaçados por uma pessoa ou situação. É neste contexto que incorremos no grave erro de nos considerarmos decentes e corretos, enquanto damos vazão ao nosso “lado sombrio” apenas por acidentes, sonhos ou, ainda, quando somos impelidos a extremos. É comum que haja confusão entre a “**percepção**” (aquilo que realmente pertence ao outro) e a “**projeção**” (aquilo que pertence a nós e atribuímos ao outro). Quando estamos inconscientes de nós mesmos, imaturos psicologicamente e defensivamente resistentes, justificamos nossos comportamentos e nossas atitudes com base na nossa “percepção” do outro e, então, nos predispomos a ignorar a parte projetiva das nossas ações e falas. É necessário admitir que somos acompanhados por essa “sombra” e, quanto menos incorporada à nossa vida consciente ela estiver, mais ela irá determinar e comandar nossa forma de agir. Como diz Jung “**as pessoas, quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio de sua própria natureza aprendem, ao mesmo tempo, a compreender e amar seus semelhantes**”. Aqui vemos, de maneira clara, a sintonia entre os pensamentos de Jung e Jesus!

Dessa forma, antes de termos capacidade de amar ao próximo, passemos a dispensar **carinho e atenção à compreensão de nós mesmos**. Ainda que a autoconsciência seja alcançada por caminhos árduos e doloridos, a supressão do nosso lado sombrio não nos torna espíritos melhores; ao contrário, modifica apenas a imagem/máscara pela qual nos apresentamos ao mundo. Como afirma Joanna de Ângelis, “esse processo pode durar toda a existência, o que é muito saudável, porque o ser se descobre em constante renovação para melhor, liberando-se das cargas negativas que lhe ditavam as reações e lhe produziam problemas em forma de distúrbios íntimos, afetando-lhe a conduta”.

Que Jesus e os amigos espirituais nos abençoem e nos auxiliem na difícil tarefa do autodescobrimento e reconhecimento das nossas mazelas, afinal “**qualquer árvore que queira tocar os céus precisa ter raízes tão profundas a ponto de tocar os infernos – Jung**”.

Érico Bomfim

UMA FORMIDÁVEL MÉDIUM MUSICAL

Rosemary Brown (1916-2001) é seguramente o mais importante caso de mediunidade musical conhecido. A partir da década de 1960, Brown, que era uma simples dona de casa e viúva, atribuiu uma grande quantidade de peças musicais a espíritos de grandes compositores da música de concerto. A lista de assinaturas espirituais era impressionante: entre os compositores, estavam Bach, Mozart, Beethoven, Schubert, Schumann, Brahms, Chopin, Liszt, Rachmaninov e Debussy, entre muitos outros.

Tão logo Brown começou a se tornar conhecida, a rede BBC (British Broadcasting Corporation) convidou-a para um documentário. A ocasião foi um retumbante sucesso para a médium: diante das câmeras, Brown escreveu parte de uma peça chamada *Grübele*, atribuída ao espírito de Liszt. A peça era de considerável complexidade: a mão direita era escrita em compasso 5/4, enquanto a esquerda, em 3/2; a tonalidade também não era banal: fá sustenido maior. Muito mais importante do que tudo isso, porém, é o fato de que ninguém menos que Humphrey Searle, à época um dos maiores conhecedores da música de Liszt no mundo (por sinal, um dos musicólogos que catalogaram a obra do compositor húngaro) impressionou-se bastante com a peça. Ele garantia não se tratar de um Liszt mais familiar do público, aproximando-se mais do avançado e peculiar Liszt tardio, fase da carreira em que o compositor adotou um idioma experimental mais próximo da música do século XX.

A partir dali, estabeleceu-se uma polêmica em torno da médium-compositora. De um lado, o discurso espiritualista (naturalmente, encabeçado pela própria médium) defendia que alguém com muito pouco conhecimento de música – como, até onde se sabia, era o caso de Brown – jamais poderia ser capaz de reproduzir tantos estilos e tão bem. De outro lado, o ceticismo sustentava que Brown seria apenas mais uma imitado-

ra intuitiva e superficial de estilos, coisa relativamente frequente no meio da música. Na ausência de estudos mais profundos, a polêmica arrefeceu sem, como é de se imaginar, chegar a qualquer consenso.

Justamente com a intenção de averiguar se a música produzida por Brown seria apenas uma imitação superficial de estilo, investiguei, em minha dissertação de mestrado, uma sonata atribuída pela médium ao espírito de Schubert. Afinal, se Brown fora capaz de reproduzir características profundas e estruturais da música de Schubert, seria de se esperar que essas características aparecessem numa obra do porte de uma sonata.

Contrariando a perspectiva cética, todas as características mais fundamentais do que se considera a “forma-sonata schubertiana” se verificaram na forma-sonata atribuída ao espírito do compositor vienense: a forma-sonata mediúnica apresentava (1) uma exposição de três tonalidades com (2) uma transição que não prepara o tema secundário, (3) um desenvolvimento em grandes blocos transpostos e (4) uma recapitulação fora da tônica. Semelhante descoberta é ainda mais notável do que pode parecer a uma primeira vista. Afinal, são raras as obras do próprio Schubert que reúnam todas essas características. Tais resultados podem¹, no mínimo, sugerir que a sonata atribuída a Schubert tenha sido feita para demonstrar o máximo possível de conhecimento de estilo e demonstram que Rosemary Brown foi perfeitamente capaz de reproduzir características profundas e estruturais do estilo de Schubert, contrariando o entendimento cético a respeito da médium.²

De um ponto de vista espírita, é especialmente digno de nota o fato de que Brown, ao relatar suas experiências e seu convívio com os espíritos dos grandes compositores, corrobora, um a um, os pontos mais centrais do pensamento kardequiano. Assim, o espírito de Liszt, segundo a médium, admite a reencarnação, ainda que colocando algumas restrições à ideia. Do mesmo modo, também se defende a lei de justiça, segundo a qual a felicidade de um espírito é proporcional ao bem e inversamente proporcional ao sofrimento que tenha causado a outrem.

Tais dados são muito dignos de nota, especialmente tendo em vista que, ao que tudo indica, Rosemary Brown era completamente alheia a Kardec, chegando mesmo a se declarar anglicana.

Levando-se em conta que, dentro do espiritismo moderno inglês, as ideias de reencarnação e da lei de justiça definitivamente não são unanimidade, sua corroboração por parte de uma médium tão notável como Rosemary Brown é de grande valor para o pensamento espírita. Seguramente, o caso de Rosemary Brown não deve ser desprezado pelo espiritismo no Brasil.

1 Haja vista que, na maior parte das vezes, o compositor optava por procedimentos mais comuns e tradicionais, e não por essas citadas características mais especiais que se consideram como inovações ou peculiaridades suas.

2 Por outro lado, não se pode deixar de apontar que também há, na sonata, muitas características singulares, que nem mesmo encontram precedentes na obra de Schubert e, assim, não encontram fácil explicação dentro da leitura espiritualista.

Henderson Marques Lopes

ANIVERSÁRIOS EM NÚMEROS REDONDOS

NOVEMBRO

- 10 anos da fundação, em Juiz de Fora, do C. E. Amor e Luz (01.NOV.2007);
- 30 anos da desencarnação, em Belo Horizonte, de **Noraldino de Mello Castro**, dirigente da União Espírita Mineira e um dos signatários, na FEB, em 05.outubro.1949, do chamado “Pacto Áureo” (05.NOV.1987);
- 10 anos da desencarnação, em Belo Horizonte, de **Honório Onofre de Abreu**, então Presidente da União Espírita Mineira (13.NOV.2007);
- 120 anos da desencarnação, no Rio de Janeiro, de **Júlio César Leal**, que foi Presidente da FEB (22.NOV.1897);
- 110 anos da desencarnação, em Juiz de Fora, de **Joaquim Gouvêa Franco**, pioneiro do Espiritismo na cidade, um dos fundadores, em 1901, do C.E. União, Humildade e Caridade (22.NOV.1907).

DEZEMBRO

- 140 anos do nascimento, em Conceição do Turvo (hoje, Senador Firmino), Minas Gerais, de **Abel Gomes**, professor, músico, poeta espírita e pioneiro do Esperanto no Brasil. Escreveu a obra “Pérolas ocultas”, publicada pela FEB, entre outras (30.DEZ.1877).

VOCÊ SABIA?

“...o programa da Doutrina só será invariável com referência aos princípios que hoje tenham passado à condição de verdades comprovadas. Com relação, aos outros, não os admitirá, como sempre tem feito, senão a título de hipóteses, até que sejam confirmados. Se lhe demonstrarem que está em erro acerca de um ponto qualquer, ela se modificará nesse ponto.”

Allan Kardec (“Obras póstumas” – Constituição do Espiritismo, II - “Cismas”)

HOMENAGEM DA REVISTA O MÉDIUM PELO ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO DO CENTRO ESPÍRITA CAMINHEIROS DE JESUS

Data de fundação: 02/09/1974

Rua Major João Martins, 86 - Vila Ozanan

Atividades - Evangelização da Criança e do

Adolescente - sábados - 14h30 às 16h00

- Grupo de Estudo para Adultos - sábados - 15h00 às 16h00

- Palestra Pública - quintas feiras - 16h30 às 17h30

W
COLOR
INDÚSTRIA GRÁFICA

(32) 3313-2050

comercial@wcolor.com.br

Rua Henrique Vaz, 123 - Ladeira
Juiz de Fora - MG

CYNTHIA MENDES

Engenheira Civil / Segurança do Trabalho

Elaboração, Aprovação e Execução de Projetos de Combate a Incêndio e Pânico conforme CBMMG, Renovação de AVCB e Inspeções Prediais.

e-mail: cyengenheira@gmail.com

Telefone: (32) 3031-1972 / (32) 9.8869-3096

Dra. Diliege Blight Silva

Médica Neurologista

CRMMG:12642

Rua Santo Antônio, 1500/1201, Centro

Juiz de Fora - MG - 36016-211

(32)3215-5433

JF

ELÉTRICA

(32) 988125802

(32) 988644774

PROJETOS E EXECUÇÃO DE INSTALAÇÕES
ELÉTRICA, HIDROSSANITÁRIA, INCÊNDIO, COMUNICAÇÕES E VIGILÂNCIA

Dra. Dilcéa C. S. Leitão

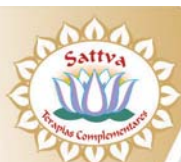
Médica Endocrinologista Pediátrica

CRMMG:6172

Rua Rei Alberto, 108/801, Centro

Juiz de Fora - MG - 36016-300

(32)3215-4025



Terapias Ayurvédicas
Terapia Freqüencial
Massagens Orientais
Drenagem Linfática
Estética Natural
Bambuoterapia
Acupuntura
Reiki
Yoga

Claudio Oliveira Zimmermann

Sattva - Terapias Complementares
Rua Mariano Procópio, 985 - Mariano Procópio
Juiz de Fora - MG - Tel.: (32) 3084-0776

Dra. Maria Célia Werneck

Cirurgiã Dentista

CRO/MG 10.191

Horário: 2ª e 5ª das 8h às 17h30min

Clareamento de dentes

Av. Barão do Rio Branco, 1863/903

Juiz de Fora - MG - 36013-020

Cons. (32)3215-0601 - Res. (32)3218-2005

(32) 3231-1467

 /tendenciaverdeoficial

A vida nem sempre segue
a nossa vontade, mas ela
é perfeita naquilo que
tem que ser. (Chico Xavier)

 **TENDÊNCIA VERDE**
vasos . plantas . paisagismo

Dr. Avelino Caldas Leitão

Médico Ortopedista

CRMMG:5971

AV. Itamar Franco, 4001/306

Torre Oeste

Juiz de Fora - MG - 36033-318

(32)3215-6756



“Os espíritos protetores nos ajudam com os seus conselhos, através da voz da consciência, que fazem falar em nosso íntimo - mas como nem sempre lhes damos a necessária importância, oferecem-nos outros mais diretos, servindo-se das pessoas que nos cercam.”

Allan Kardec. *O Livro dos Espíritos*



Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora

Presidente: Denise Ribas Ribeiro

Vice-presidente: Emanuel de Castro Antunes Felício

1º Secretário: Maria das Graças Nascimento

2ª Secretária: Cristiane Cotta e Silva

1º Tesoureiro: Geraldo Sebastião Soares

2º Tesoureiro: João Francisco Pereira

Diretor Executivo CRE: Robson Carneiro da Silva

DEPARTAMENTOS

DAF (Família): Elison da Fonseca e Silva

DAM (Assuntos da Mediunidade): José Fernando da Silva

DAPSE (Assist. e Promoção Social Espírita): Célia Regina Barcelos

DCSE (Comunicação Social Espírita): Jovino Jorge Rodrigues Quintella

DEC (Evangelificação da Criança): Gisele dos Santos Marques

DEJ (Evangelificação do Jovem): Daniel Salomão Silva

DPA (Patrimônio): Paulo Marcos Berberick

www.amejf.org.br • amejf@amejf.org.br



www.facebook.com/ame.jfmg

R. Espírito Santo, 650 - Centro, Juiz de Fora - MG, CEP 36010-040

Telefone: (32) 3212-5418

Doações: REVISTA O MÉDIUM

Depósito no Banco do Brasil – Agência: 0024-8 – CP: 115.589-X – Variação: 51